alívio sensibilidade lagarta dor meia brilhante batom aceitação

algodão doce

transiçã







## **AFTER PARTY: A FESTA AINDA ESTÁ ACONTECENDO**

Por Felipe de Menezes<sup>1</sup>

Em um badalado livro que conta, sobretudo, a história do teatro europeu – embora se pretenda fracassadamente historiar o teatro mundial – a autora, uma alemã, diz que a diferença entre as formas do teatro primitivo e as do teatro que se seguiu ao longo da história da humanidade é "o número de acessórios cênicos à disposição do ator para expressar a sua mensagem". Eu prefiro o poema de uma dramaturga preta brasileira de nome Dione Carlos que nos lembra que "o teatro já aconteceu em templos, arenas, ruas de terra, praias, carroças, florestas, praças públicas, caixas pretas fechadas, pelo deserto, durante guerras, inquisições e pandemias".

Cabe-me começar, a partir disso, a dizer que o teatro, enquanto acontecimento, ocupa um espaço de poder. Como consequência desse ato, os lugares em que discursamos são, também, espaços de poder. Portanto, qualquer atuante está imbuído do poder de, ao convocar uma assembleia, realizar um ato político por essência, como nos lembra Denis Guénoun.

Na madrugada do dia 6 de setembro, durante o 36º Festivale, assistimos a um desses trabalhos que faz jus ao ato cênico como acontecimento político. Convocados a esse encontro público, deparamo-nos, em cena, com um jovem artista que transitava em meio a três personas: Salomé, uma palhaça-drag com META BRICHANTE, uma personagem de nome Davi e a própria figura de Guilherme Venâncio, o atuador-criador das outras duas. A simbiose e o trânsito entre as três figuras fazem de *After Party um trabalho* 

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).

bastante peculiar no festival desse ano, pois é um dos poucos – se não o único – que traz à cena a discussão sobre homossexualidade e homoafetividade. E, por isso, já é uma obra necessária.

"Festival" tem o mesmo radical da palavra "festa", portanto, um espaço que oportuniza o mapeamento da produção joseense bem como de outros territórios. E nessa festa, as corpas dissidentes que, a partir de seu "lugar de fala", discursam sobre **DOR** es, angústias, dificuldades, \*\*PCEITAGAO\*, traumas, medos, (des)afeto, solidão de se reconhecer e se afirmar como uma pessoa homossexual, não poderiam deixar de se fazerem presentes.

Venâncio, em parceria com Lucilene Dias, criou esse espetáculo, a princípio, na linguagem videográfica por conta da pandemia: trata-se do primeiro trabalho solo tanto do atuador quanto do seu coletivo, o Teatro do Rinoceronte – grupo que atingiu a sua maioridade nesse 2022, quase duas décadas de existência com mais de oito trabalhos levados à cena.

A dramaturgia parte da ideia de uma drag-palhaça (com batam vermelho e uma percenta parte da ideia de uma drag-palhaça (com batam vermelho e uma percenta parte de bebedeira, divaga sobre sua vida e experiências. Compõe o espaço de cena um espelho que, para além de objeto, é um criador de metamo foses. É a partir dele que conhecemos Davi, uma espécie de alter ego de Venâncio. Essa transição — por vezes sutil — entre criador e suas criaturas nos leva a uma reflexão necessária de como somos todes compostos por muitos e muitas. A

Por mais de uma vez, o atuador nos conta sobre um incidente com uma lagarta – a metáfora desse corpo que recebeu como herança a heterossexualidade compulsória, mas que se recusou, felizmente, a uma predeterminação pautada apenas pela biologia. Não à toa, uma senhora presente na cena da lagarta pede para que ele a mate, o que não ocorre – para o Alivro de todos.

Destaca-se, também, neste trabalho, a luz de Jean Fábio e Rachid Severino, autêntica construtora de poesia e beleza que, ao longo da encenação, vai conduzindo nossa **SENSIBILIDADE** e nosso olhar pelo espaço cênico. A luz, de muitas **CORES**, tão bem desenhada e a-fi-na-da, cumpre, além do papel imediato de tornar as coisas visíveis, a função de construir uma narrativa pautada pela delicadeza e emoção, afinal, o aparato técnico não é desprovido de posicionamento político, como bem nos ensinou naquela noite a professora Simone Carleto.

O trabalho agora deve se recolher para um apuro dramatúrgico, sobretudo para se elaborar um tecimento a partir de escolhas políticas, e, somente depois disso, trabalhar uma direção que imprima na obra um conceito de encenação. Esse apuro técnico (não desprovido de carrillo) aliado a um intenso trabalho de corpo-voz trará o merecido amadurecimento ao espetáculo que está em sua forma bruta e necessita, agora, de uma pesquisa verticalizada.

Guilherme Venâncio, o menino das uma espectadora, é um jovem multiartista em constante poesia em meio a tantas circunstâncias adversas. Há muita GENEROSIDABE em partilhar conosco uma história que ultrapassa os limites da ficção e desemboca no real. Para ele/ela/ilu, o mundo, assim como um algodar doce, está em (des)construção. E que assim seja!

## boa peruca

transformação

carinho

esplêndido ser

amor

pernas mais bonitas de

coragem